



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO),  
REALIZADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE  
PERNAMBUCO, MUNICÍPIO DE RECIFE – PE, BRASIL**

**PROPOSTA DE FICHA DE PROCESSAMENTO PARA AVALIAÇÃO  
DE CASOS SUSPEITOS DE ABUSO SEXUAL EM CÃES E GATOS**

**MARCELA FERREIRA MOTA**

**RECIFE 2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**PROPOSTA DE FICHA DE PROCESSAMENTO PARA AVALIAÇÃO  
DE CASOS SUSPEITOS DE ABUSO SEXUAL EM CÃES E GATOS**

**Relatório de Estágio  
Supervisionado Obrigatório  
realizado como exigência parcial  
para a obtenção do grau de  
Bacharela em Medicina  
Veterinária, sob Orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Alice da Fonseca  
Oliveira**

**MARCELA FERREIRA MOTA**

**RECIFE, 2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M917p Mota, Marcela  
PROPOSTA DE FICHA DE PROCESSAMENTO PARA AVALIAÇÃO DE CASOS SUSPEITOS DE ABUSO  
SEXUAL EM CÃES E GATOS / Marcela Mota. - 2022.  
37 f. : il.

Orientadora: Andrea Alice da Fonseca.  
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em  
Medicina Veterinária, Recife, 2022.

1. patologia animal. 2. patologia forense. 3. abuso sexual animal. I. Fonseca, Andrea Alice da, orient. II. Título

CDD 636.089

---



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE  
PERNAMBUCO DEPARTAMENTO DE MEDICINA  
VETERINÁRIA

**PROPOSTA DE FICHA DE PROCESSAMENTO PARA AVALIAÇÃO  
DE CASOS SUSPEITOS DE ABUSO SEXUAL EM CÃES E GATOS**

Relatório elaborado por  
**MARCELA FERREIRA MOTA**

Aprovado em 13/05/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. ANDRÉA ALICE DA FONSECA OLIVEIRA**  
Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MÁRCIA DE FIGUEIREDO PEREIRA**  
Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE

---

**Dr. PEDRO PAULO FEITOSA DE ALBUQUERQUE**  
Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte desse meu período de ESO, desses meses finais de mais um ciclo em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Grande Deusa pelas conexões e trocas energéticas positivas e pela paciência, consciência e bençãos que foram a mim atribuídas. À minha família (consanguínea ou não) que sempre está do meu lado apoiando meus sonhos e projetos de vida. À Dr<sup>a</sup>. Paulla Uchoa por ter me acompanhado e auxiliado em todo meu processo do despertar. À Prof<sup>a</sup>. Andrea Alice e Prof<sup>a</sup>. Márcia por toda atenção, carinho e por terem aceitado fazer parte desse importante fechamento de mais um ciclo em minha vida. Aos técnicos Alluanan e Pedro Paulo e aos residentes Simone e Diego por serem pessoas maravilhosas com uma energia super positiva, agradeço a todas as risadas e brincadeiras e por terem iluminado e alegrado meus dias no laboratório, fazendo com que o trabalho se tornasse algo divertido.

## EPÍGRAFE

*“Honro minha Menina interior.  
Aquele que brinca e sonha.  
Aquele que é leve e suave como o amanhecer.  
É florida como a Primavera.  
E que cresce com a Lua!*

*Honro minha Fêmea selvagem.  
Aquele que nutre, ama e realiza.  
Aquele que é quente como o Sol do meio-dia.  
Aquele que é iluminada como a Lua Cheia!*

*Honro minha Anciã Protetora.  
Aquele que sabe, porque caminhou.  
Aquele que sabe que o tempo passou.  
Aquele que diminui meus medos do  
desconhecido.  
Assim como a Lua que minguava levando o que é  
ilusão!*

*Honro cada fase, cada face  
Tudo que nasce e vive,  
Morre e renasce!”*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

Figura 1	Sala de Necropsia da UFRPE.....	12
Figura 2	Chaira, facas e serra utilizadas nos exames necroscópicos na UFRPE.....	13
Figura 3	Alicate, pinças, régua e tesouras utilizadas nas necropsias na UFRPE.....	13
Figura 4	Laboratório de histopatologia e citologia.....	13
Figura 5	Kit de citologia.....	14
Figura 6	Kit Panótico Rápido utilizado para corar as lâminas citológicas.....	14
Figura 7	Cão com orelhas para cima e voltadas para frente, pode significar um estado emocional relaxado ou de atenção.....	21
Figura 8	Cão com orelhas para cima e voltadas para frente, pode significar um estado emocional relaxado ou de atenção.....	22
Figura 9	Cães que apresentam a cauda na altura do dorso com um balançar regular, considera-se como uma expressão feliz e amigável.....	22
Figura 10	Cães que balançam a cauda em uma posição alta, é indicativo de uma interação confiante, na qual o animal está atento ou se sente ameaçado.....	23
Figura 11	O cão que balança a cauda rapidamente em posição baixa ou a mesma se encontra parada entre os membros posteriores, considera-se um sinal de medo.....	23
Figura 12	Gato em postura defensiva, os pelos encontram-se eriçados, com dorso e cauda elevados.....	24
Figura 13	Gatos apresentando medo e/ou submissão posicionando a cauda entre os membros posteriores.....	24
Figura 14	Gato com medo e agressividade apresentando os pelos eriçados e cauda elevada.....	25
Figura 15	Gato em posição ofensiva expressando o eriçar dos pelos.....	25
Figura 16	Cão com medo se afastando e se isolando no canto da sala.....	25
Figura 17	Resquício de saliva encontrado através da luz UV.....	26
Figura 18	Hematomas ocasionados por correntes e fio de nylon.....	26



Figura 19	Hematoma abdominal em cão ocasionado pela contenção realizada por mãos humanas durante o abuso sexual.....	27
Figura 20	Hematoma abdominal em cão devido à contenção durante a inserção de um objeto estranho em seu anus.....	27
Figura 21	Cão com trauma severo e dilatação em anus devido a abuso sexual.....	28
Figura 22	Hemorragia subcutânea ao redor do anus devido à fratura e deslocamento de cauda.....	28
Figura 23	Citologia de espermatozoides humano (A) e de cão (B) utilizando a coloração KPIK.....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Exames citológicos realizados de acordo com a espécie animal e sexo.....	14
Tabela 2	Idades dos animais submetidos aos exames citológicos.....	14
Tabela 3	Diagnósticos sugeridos na avaliação das amostras citológicas.....	15
Tabela 4	Necropsias acompanhadas durante o período do ESO de acordo com a espécie animal.....	15

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DMV – Departamento de Medicina

VeterináriaESO – Estágio Supervisionado

Obrigatório

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Depa – Delegacia Eletrônica de Proteção Animal

STR-Y – Teste do Cromossomo Y

RSID – Teste Rapid Stain Identification Semen

H&E – Coloração Hematoxilina-Eosina

KPIC – Coloração Kernechtrot–Picroindigocarmin

## RESUMO

O presente trabalho relata as atividades desenvolvidas na área de Patologia Animal, no período de 14 de fevereiro a 04 de maio de 2022, no Departamento de Medicina Veterinária (DMV) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em Recife - PE, na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) do curso de graduação em Medicina Veterinária, pela UFRPE. As atividades foram realizadas sob a supervisão da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia de Figueiredo Pereira e sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Andréa Alice da Fonseca Oliveira. Neste trabalho, são contempladas a descrição do local de estágio e a descrição e discussão das atividades realizadas durante o período do ESO.

**Palavras-chaves:** patologia animal, citopatologia, necropsia.

## **ABSTRACT**

The present work reports the activities developed in the area of Animal Pathology, from February 14th to May 4th of 2022, at the Departamento de Medicina Veterinária (DMV) of Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) in Recife - Pernambuco, of the subject of Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) of the undergraduate course in Veterinary Medicine of UFRPE. The activities were developed under the supervision of Prof. Márcia de Figueiredo Pereira and under the advising of Prof. Andréa Alice da Fonseca Oliveira. In this work, the description of the internship location and the description and discussion of the activities developed during the ESO period are contemplated.

**Keywords:** animal pathology, cytopathology, necropsy.

## SUMÁRIO

1. CAPÍTULO I.....	13
1.1 Introdução sobre o ESO .....	13
1.2 Descrição do local de estágio.....	13
1.3 Descrição das atividades do ESO .....	15
1.4 Discussão das atividades desenvolvidas .....	16
2. CAPÍTULO II.....	17
2.1 Resumo .....	17
2.2 Introdução .....	18
2.3 Objetivos.....	20
2.4 Material e métodos.....	20
2.5 Resultados e Discussão .....	20
2.5.1 Comportamento Animal .....	21
2.5.2 Exame Físico .....	25
2.5.2.1 Exame dos Órgãos Genitais.....	28
2.5.3 Exames Laboratoriais .....	29
2.6 Conclusão.....	31
3. REFERÊNCIAS .....	32
APÊNDICE A – FICHA DE PROCESSAMENTO EM CASOS DE SUSPEITA DE ABUSO SEXUAL EM CÃES E GATOS.....	34
APÊNDICE B – FLUXOGRAMA PARA AVALIAÇÃO DO ANIMAL COM SUSPEITA DE ABUSO SEXUAL .....	37

## 1. CAPÍTULO I

### 1.1 Introdução sobre o ESO

O estágio supervisionado obrigatório (ESO) vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Sede foi desenvolvido no período de 14 de fevereiro à 04 de maio de 2022, na área de Patologia Animal do Departamento de Medicina Veterinária (DMV) da UFRPE, totalizando 420 horas com a supervisão da Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia de Figueiredo Pereira e apresentou como objetivos o acompanhamento e o auxílio, por parte da discente, nas atividades de necropsia; obtenção, manuseio e coloração de amostras para exame citológico, bem como a leitura das lâminas citológicas, preparação e discussão de laudos.

### 1.2 Descrição do local de estágio

A área de Patologia Animal da UFRPE localiza-se no município de Recife – PE, conta com a estrutura de uma sala de necropsia e um laboratório de histopatologia e citologia, ambas devidamente equipadas e seguras para suprir as necessidades da rotina clínica.

A sala de necropsia (Figura 1) é equipada com 3 mesas para necropsia em aço inox, 1 mesa em aço inox com fundo de cor azul destinada a fotodocumentação dos achados anatomopatológicos, 4 freezers para o congelamento dos animais que chegam para o exame *post mortem*, bombonas de 25kg para o descarte de material biológico, 1 pia suja para higienização dos materiais de necropsia e 1 pia limpa para a higienização das mãos.



Figura 1: Sala de Necropsia da UFRPE. Fonte: Pessoal.

Em relação à paramentação e aos materiais de necropsia e colheita de amostras para exames histopatológicos, estão disponíveis luvas de látex nos tamanhos P, M e G, aventais impermeáveis, óculos deacrílico de proteção, facas curvas e retas, tesouras, pinças, cabo de bisturi, lâminas para bisturi, serra, machadinha, costótomo, alicate, frascos para coleta de amostras biológicas, chaira, barbante, tábua de carne, esponjas e régua (Figuras 2 e 3).



Figura 2: Chaira, facas e serra utilizadas nos exames necroscópicos na UFRPE. Fonte: Pessoal.



Figura 3: Alicate, pinças, régua e tesouras utilizadas nas necropsias na UFRPE. Fonte: Pessoal.

O laboratório de histopatologia e citopatologia (Figura 4) é equipado com 3 computadores, 2 capelas, 1 geladeira e 1 freezer para o armazenamento de amostras, 1 micrótomo automático, 1 banho-maria, 1 microscópio, 1 balança analítica, 2 estufas, 1 dispensador de parafina, reagentes, corantes e materiais químicos, cassetes histológicos, lâminas para microscopia, laminulas histológicas e frascos para o armazenamento de amostras biológicas em formol a 10%.



Figura 4: Laboratório de histopatologia e citologia. Fonte: Pessoal.



### 1.3 Descrição das atividades do ESO

Para a execução dos procedimentos de colheita de amostras para citologia, utilizou-se um kit de citologia (Figura 5), o qual consiste em uma caixa plástica contendo seringas de 10mL, agulhas de 0,7x25mm e 13x0,45mm, lâminas foscas para microscopia, luvas de látex, paquímetro, algodão, gaze, álcool 70%, canetas e lápis. Foram acompanhados o total de 75 exames citopatológicos, nos quais realizou-se a obtenção das amostras através de técnicas como Punção com ou sem aspiração por Agulha Fina, Imprint e Swab. Após a colheita das amostras, as lâminas foram identificadas e posteriormente coradas com o kit Panótico Rápido (Figura 6) e, depois de secas, as lâminas foram lidas em microscópio óptico e discutidas para a elaboração dos laudos.



Figura 5: Kit de citologia. Fonte: Pessoal.



Figura 6: Kit Panótico Rápido utilizado para corar as lâminas citológicas. Fonte: Pessoal.

Na tabela 1, encontram-se os exames citológicos executados de acordo com a espécie animal e sexo. Na tabela 2, observa-se as idades mais recorrentes dos animais examinados. Por fim, na tabela 3, encontram-se os diagnósticos sugeridos nos laudos desses exames.

Tabela 1 – Exames citológicos realizados de acordo com a espécie animal e sexo.

Espécie Animal	Sexo		Total
	Macho	Fêmea	
<b>Canina</b>	23	41	64 (85,33%)
<b>Felina</b>	3	8	11 (14,66%)
<b>Total</b>	26	49	75 (100%)

% = percentual

Tabela 2 – Idades dos animais submetidos aos exames citológicos.

Idades	Espécie Animal		Total
	Canina	Felina	
<b>≤ 5 anos</b>	9	4	12 (16%)
<b>6 – 10 anos</b>	29	6	35 (46,66%)
<b>11 – 15 anos</b>	22	0	22 (29,33%)
<b>16 - 19 anos</b>	4	0	4 (5,33%)
<b>≥ 20 anos</b>	0	1	1 (1,33%)
<b>Total</b>	64	11	75 (100%)

% = percentual

Tabela 3 – Diagnósticos sugeridos na avaliação das amostras citológicas.

<b>Sugestão de Diagnóstico</b>	<b>Total</b>
Neoplasias de Origem Epitelial	15 (20,27%)
Neoplasias de Origem Mesenquimal	14 (18,918%)
Neoplasias de Células Arredondadas	6 (8,108%)
Alterações Inflamatórias	9 (12,162%)
Massas Císticas	4 (5,405%)
Amostra Insuficiente ou Inconclusiva	26 (35,135%)
<b>Total</b>	<b>74 (100%)</b>

% = percentual

Durante o período do ESO, participou-se de 36 exames necroscópicos e, utilizando a correta técnica, os animais foram examinados minuciosamente a fim de estabelecer a causa *mortis*. Amostras de órgãos selecionados foram coletadas para realização de exame histopatológico com o objetivo de analisar microscopicamente as lesões e confirmar a causa das afecções. Todos os achados anatomopatológicos foram anotados e fotografados para posterior elaboração dos laudos. Na tabela 4, encontram-se as necropsias acompanhadas durante o período do ESO de acordo com as espécies dos animais examinados.

Tabela 4 – Necropsias acompanhadas durante o período do ESO de acordo com a espécie animal.

<b>Espécie Animal</b>	<b>Total</b>
Canina	9 (25%)
Felina	9 (25%)
Bovina	1 (2,7%)
Ovina	4 (11,1%)
Saguim	3 (8,3%)
Macaco-Prego	1 (2,7%)
Porco-Espinho	2 (5,5%)
Gambá-de-Orelha-Branca	3 (8,3%)
Raposa	2 (5,5%)
Capivara	2 (5,5%)
<b>Total</b>	<b>36 (100%)</b>

% = percentual

#### 1.4 Discussão das atividades desenvolvidas

A citologia é uma técnica de análise da morfologia de células de tecidos, sangue ou fluídos, na qual tem o poder de diagnosticar e diferenciar doenças inflamatórias, infecciosas, proliferativas e neoplásicas (GRAÇA, 2007). Existem diferentes técnicas para obtenção de amostras para exames citopatológicos, como a técnica de punção aspirativa por agulha fina (PAAF), imprint e swab. Na técnica de PAAF, é utilizada uma agulha fina para a extração de amostras de diferentes tecidos, como massas sólidas, abscessos, medula óssea, linfonodos,

órgãos internos e efusões cavitárias. Na técnica de imprint, utiliza-se a superfície de uma lâmina histológica para coletar as células em lesões ulceradas, com solução de continuidade ou superfícies de corte. Apesar da praticidade, nesse tipo de técnica, pode haver chances de contaminação por bactérias secundárias às lesões e/ou obtenção de material insuficiente quando em neoplasias pouco esfoliativas, como as de origem mesenquimal. A técnica com o swab é indicada para lesões em bordos elevados, trajetos fistulosos, mucosas, lesões na região auricular e locais de difícil acesso, como regiões interdigitais (FERREIRA, 2015). Apesar do exame citológico não permitir avaliar a arquitetura tecidual como no exame histopatológico, é ainda considerado como um meio de diagnóstico simples, pouco invasivo, com custo relativamente baixo, rápido e, na maioria das vezes, eficaz (GRAÇA, 2007).

A necropsia é uma técnica que compreende a secção de um cadáver com o objetivo de avaliar as alterações que resultaram em sua morte. Para a realização de um correto exame de necropsia, é necessário haver uma paramentação apropriada dos médicos veterinários envolvidos, possuir todos os materiais e ferramentas necessárias para avaliação do animal e colheita das amostras para exames e utilizar técnicas adequadas de acordo com a espécie animal avaliada (SOUTHARD, 2017). A técnica de necropsia realizada apropriadamente pode ser uma ferramenta crucial para o conhecimento da causa da morte do animal, podendo confirmar, refutar, esclarecer, modificar ou estabelecer um diagnóstico (PEIXOTO, 1998).

## **2. CAPÍTULO II**

### **PROPOSTA DE FICHA DE PROCESSAMENTO PARA AVALIAÇÃO DE CASOS SUSPEITOS DE ABUSO SEXUAL EM CÃES E GATOS**

#### **2.1 Resumo**

O abuso sexual em animais não está limitado apenas à penetração peninana em vagina e ânus. Esta forma de abuso pode ocorrer em uma extensa variedade de espécies e, dependendo do tamanho do animal e do tipo de contato sexual, pode causar sérios danos a eles, como a morte. Diante disso, objetivou-se com este trabalho propor uma ficha de processamento para análise de casos suspeitos de abuso sexual de cães e gatos, com base na adaptação de protocolos de perícia em crimes sexuais em humanos e de avaliação de bem-estar animal. para cães e gatos. A ficha foi elaborada e subdividida em 5 tópicos, os quais compreendem a identificação do responsável pelo animal, como seu nome, endereço, telefone e e-mail; identificação do animal, como o nome, espécie, raça, sexo, idade, peso, cor/pelagem e histórico; avaliação do

comportamento animal, como posição da cabeça, orelhas e cauda, presença de vocalização, pelos eriçados, se o animal muda o comportamento na presença do responsável e se o animal realiza contato visual; exame físico, como presença de fluidos e fibras/pelos externos, presença de amostras em superfícies em que o animal teve contato e presença de lesões no animal; e exames complementares (radiografia, ultrassonografia, vaginoscopia, colonoscopia, hemograma, bioquímico, urinalise, sangue oculto nas fezes, teste de DNA e pesquisa de espermatozoides/sêmen) e amostras coletadas (swabs corporais, fibras/pelos, unhas, sangue, urina e fezes). Assim, com as informações contidas nesse trabalho e a disponibilidade do fluxograma e da ficha, o médico veterinário encontra um subsídio para identificar e relatar um animal vítima de abuso sexual.

**Palavras-chave:** patologia animal, patologia forense, abuso sexual animal.

## 2.2 Introdução

Desde o período neolítico, os laços entre humanos e animais vêm se fortalecendo com o passar dos anos, sendo esses animais hoje em dia considerados e tratados até como membros da família. Porém, nem sempre as relações entre humanos e animais de companhia são positivas, podendo ocorrer também situações de maus-tratos, violência e crueldade animal (GOMES, 2019).

A Teoria do Link compreende estudos que comprovam a relação entre o abuso humano e animal, ou seja, a pessoa que pratica violência contra animais também pratica ou poderá praticar violência contra seres humanos e vice e versa (PHILLIPS, 2014). Estudos realizados em abrigos para mulheres vítimas de violência doméstica revelam a co-existência de abuso animal e humano entre 25% a 86% dos casos. As mulheres entrevistadas alegam que os animais sofriam ameaças, abuso físico, privação de água, alimentação e cuidados veterinários e até assassinato. Outros estudos mostram que mulheres vítimas de violência domésticas são sete a oito vezes mais propensas a retardarem sua saída de seus lares abusivos por se preocuparem com o bem-estar dos seus pets. Cerca de 20% a 50% dos animais de estimação continuam sob os cuidados do abusador quando essas mulheres fogem para abrigos, pois há uma grande dificuldade de encontrar um local seguro para deixar-los (MONSALVE, 2017).

Bright (2018) observou que jovens que cometeram crueldade animal são mais propensos a entrar no sistema de justiça juvenil e mais propensos a terem experienciado traumas em suas vidas, como violência doméstica, abuso e/ou negligência física e/ou emocional, separação/divórcio dos pais, abuso sexual e abuso de substâncias no lar. Nos estudos de Levitt

(2016) constatou-se que 96% das pessoas que foram presas por crueldade animal possuem outros tipos de crimes cometidos anteriormente ou posteriormente ao abuso animal, como posse de drogas, agressão e abuso sexual de crianças e/ou adultos. Também notou-se que a violência contra o animal muitas vezes é motivada por uma briga entre o abusador e seu parceiro, onde o abusador comete o crime como uma forma de retaliação contra a outra pessoa ou contra o próprio animal.

No Brasil, apesar da subnotificação, o número de denúncias de casos de crimes contra animais obtiveram um aumento significativo. No estado do Ceará, os registros de denúncias de casos de maus-tratos contra animais passaram de 455 para 681, aumento de 49,67%, entre janeiro e agosto de 2020, número que triplicou em relação ao ano de 2019, no qual registrou-se 205 casos (FALCONERY, 2021). Em São Paulo, a Delegacia Eletrônica de Proteção Animal (Depa) recebeu 15.478 denúncias de maus-tratos contra animais em 2020, aumento de 28% em relação ao ano de 2019 (SAITO, 2021).

O abuso sexual é a erotização da violência, poder e controle sob outro ser (MERCK, 2013), e o abuso sexual em animais não está limitado apenas à penetração peninana em vagina e ânus, mas também inclui acariciamento das genitais do animal, penetração vaginal ou anal com objetos estranhos, contato genito-oral (tanto de animal para humano quanto de humano para animal), masturbação do animal por um humano, masturbação e/ou ejaculação humana sob um animal, além de lesões traumáticas em genitálias e ânus como queimaduras, cortes, contusões, escoriações, equimoses e hematomas (BAPTISTA, 2019; BROOKS, 2018). Esta forma de abuso pode ocorrer em uma extensa variedade de espécies e, dependendo do tamanho do animal e do tipo de contato sexual, pode causar sérios danos a eles, como a morte, como também não causar nenhum dano físico aparente, pois mesmo animais sem ferimentos físicos ainda podem ser vítimas de abuso sexual (MERCK, 2013).

De acordo com a Resolução nº 1.138 de 16 de dezembro de 2016, o médico veterinário deve denunciar às autoridades competentes qualquer forma de agressão aos animais e ao meio-ambiente e empenhar-se para melhorar as condições de bem-estar, saúde animal, humana, ambiental, e os padrões de serviços médicos veterinários. Porém, o profissional muitas vezes, quando diante de casos de maus-tratos animais, não realiza a denúncia por medo de sofrer retaliações por parte do tutor, ou não sabe reconhecer corretamente os sinais clínicos e lesões, por não haver um padrão de identificação a ser seguido (CAMPOS, 2021). A existência de um protocolo pericial para diagnóstico de abuso sexual animal auxilia na elaboração de laudos periciais consistentes, os quais podem contribuir para decisões judiciais quando há suspeita de tais abusos em animais (HAMMERSCHMIDT, 2014).

Diante disso, esse trabalho tem como objetivo adaptar protocolos de perícia em crimes sexuais em humanos e protocolos de avaliação de bem-estar animal visando à elaboração de uma ficha de processamento para cães e gatos com suspeita de abuso sexual a fim de identificar, através de exames comportamentais, físicos e laboratoriais, possível violência sexual animal.

### **2.3 Objetivos**

Objetivou-se com este trabalho propor uma ficha de processamento para análise de casos suspeitos de abuso sexual de cães e gatos, com base na adaptação de protocolos de perícia em crimes sexuais em humanos e de avaliação de bem-estar animal, a fim de identificar, através de exames comportamentais, físicos e laboratoriais, possível violência sexual animal.

### **2.4 Material e métodos**

Para elaboração da ficha de processamento foi consultada literatura atual, tendo como base a ferramenta de busca Google ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)), livros e documentos em geral, com objetivo de obter informações sobre a medicina veterinária forense, com foco na investigação de crimes sexuais em animais, enfatizando o processo desde à recepção do animal até a sua avaliação comportamental, física e laboratorial, buscando achados clínicos e anatomopatológicos que comprovem o crime.

Todas as informações foram reunidas utilizando o programa Word™ 2013 e foram sintetizadas para elaboração de um fluxograma contendo o processo proposto a ser seguido durante toda a avaliação do animal e uma ficha de processamento contendo anotações dos achados clínicos e anatomopatológicos, além de material biológico coletado para realização de exames laboratoriais.

### **2.5 Resultados e Discussão**

Com base no objetivo proposto, finalizou-se a ficha de processamento (apêndice A) composta por 3 páginas e subdividida em 5 tópicos, além do fluxograma contendo o processo sugerido a ser seguido durante toda a avaliação do animal (apêndice B).

Ao se deparar com um possível caso de abuso sexual animal, a abordagem inicial proposta é a coleta dos dados do responsável pelo animal, como seu nome, endereço, número de telefone e e-mail. No segundo tópico, deve-se reunir informações sobre o animal, como o nome, espécie, raça, sexo, idade, peso, cor/pelagem e histórico, se possível.

Antes de realizar qualquer exame, o médico veterinário deve estar devidamente

paramentado, utilizando jaleco, luvas sem pó, touca, máscara e sapato fechado, para evitar contaminações das amostras, contaminações cruzadas e exposições que podem levar riscos à saúde humana. Além disso, as superfícies de trabalho devem ser devidamente higienizadas e luvas devem ser trocadas entre manipulações de diferentes amostras para evitar contaminação (BYRD, 2020).

### 2.5.1 Comportamento Animal

No terceiro tópico da ficha de processamento será analisado o comportamento do animal. Apesar do comportamento animal ser algo extremamente variável, dependendo da espécie, raça, idade, sexo, personalidade do animal e da severidade e tempo de duração do abuso, é uma ferramenta de extrema importância para a determinação da existência de uma violência sexual.

Animais demonstram diferentes comportamentos quando vítimas de abuso sexual, é necessário primeiro avaliar se o animal está em estado de alerta, apático, calmo, agressivo, ansioso, feliz e/ou com medo. A posição da cabeça, orelhas e cauda também são aspectos importantes a serem analisados, pois quando o animal apresenta a cabeça alta com orelhas para cima e voltadas para frente, pode significar um estado emocional relaxado ou de atenção (Figura 7), enquanto animais que apresentam uma postura baixa, com cabeça baixa e orelhas baixas e voltadas para trás, evitando contato visual, pode significar medo (Figura 8) (PRESCOTT, 2004).



Figura 7: Cão com orelhas para cima e voltadas para frente, pode significar um estado emocional relaxado ou de atenção. Fonte: PRESCOTT, 2004.



Figura 8: Cão com orelhas para cima e voltadas para frente, pode significar um estado emocional relaxado ou de atenção. Fonte: PRESCOTT, 2004.

Em relação à posição da cauda, é importante considerar se o animal está balançando ou não e qual a altura em que a cauda se encontra, se está alta, baixa, entre as patas ou na altura do dorso. Cães que apresentam a cauda na altura do dorso com um balançar regular, considera-se como uma expressão feliz e amigável (Figura 9). Já cães que balançam a cauda em uma posição alta (acima da linha do dorso), é indicativo de uma interação confiante, na qual pode ser utilizada quando o animal está atento ou se sente ameaçado (Figura 10). Quando o cão balança a cauda rapidamente em posição baixa (abaixo da linha do dorso) ou a mesma se encontra parada entre as patas, pode-se considerar como um sinal de medo (Figura 11) (PRESCOTT, 2004).

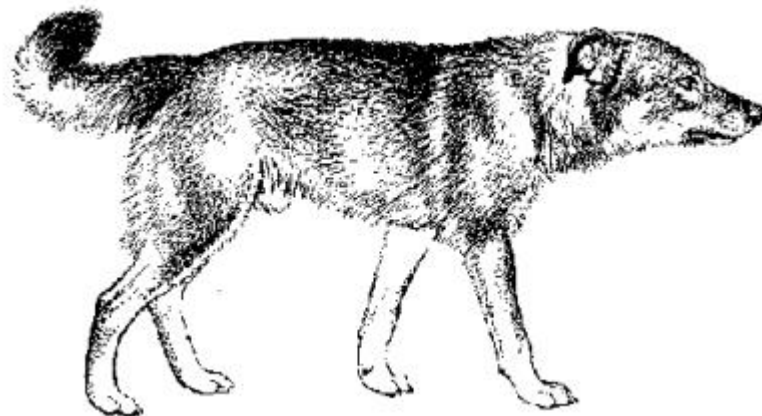


Figura 9: Cães que apresentam a cauda na altura do dorso com um balançar regular, considera-se como uma expressão feliz e amigável. Fonte: PRESCOTT, 2004.



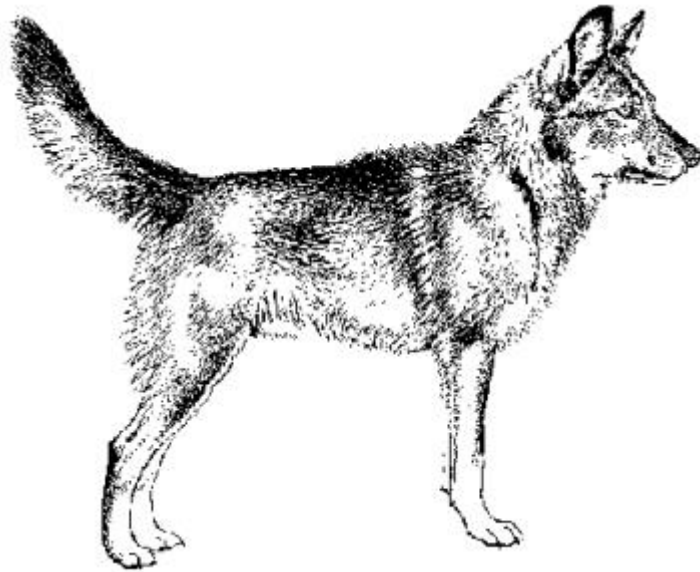


Figura 10: Cães que balançam a cauda em uma posição alta, é indicativo de uma interação confiante, na qual o animal está atento ou se sente ameaçado. Fonte: PRESCOTT, 2004.

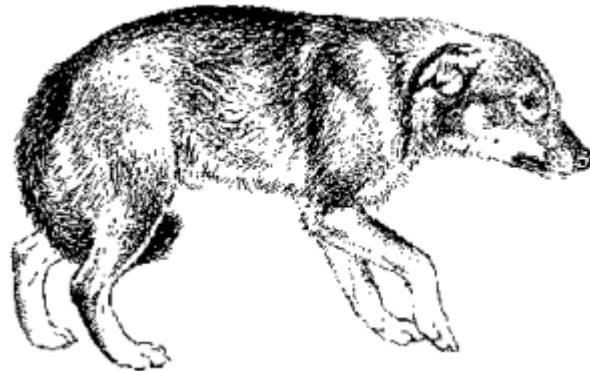


Figura 11: O cão que balança a cauda rapidamente em posição baixa ou a mesma se encontra parada entre os membros posteriores, considera-se um sinal de medo. Fonte: PRESCOTT, 2004.

Gatos inseguros e com medo podem adotar uma postura defensiva, na qual os pelos encontram-se eriçados, com dorso e cauda elevados (Figura 12), e gatos que apresentam medo e submissão geralmente posicionam a cauda entre os membros posteriores (Figura 13). Já gatos ansiosos e/ou atentos demonstram balançar a cauda de um lado para o outro e concentram seu peso corporal nos membros posteriores, possibilitando uma fuga rápida (SCHOLTEN, 2017; RIVERA, 2011).



Figura 12: Gato em postura defensiva, os pelos encontram-se eriçados, com dorso e cauda elevados. Fonte: SCHOLTEN, 2017.



Figura 13: Gatos apresentando medo e/ou submissão posicionando a cauda entre os membros posteriores. Fonte: SCHOLTEN, 2017.

A presença ou não de vocalização é outro tópico considerável, pois é uma outra maneira dos animais demonstrarem suas emoções. Cães podem produzir sons como gemidos, rosnados, latidos e uivos, enquanto gatos podem ronronar, miar, grunhir e rosar. Os gemidos de cães geralmente significam frustração ou dor, os rosnados indicam agressividade e que o animal está se sentindo ameaçado, os uivos podem ser uma maneira dos cães, que estão distante do seu grupo social ou donos, se comunicarem à distância e os latidos são uma das formas de vocalização mais abrangentes, pois podem apontar diferentes contextos, como alegria, medo, ansiedade, entre outros. O ronronar em gatos sugerem desde uma saudação amigável até um estado de dor intensa, o miado também pode demonstrar diversas circunstâncias, como um chamado de acasalamento ou até quando o gato está pedindo algo, como comida ou atenção. Grunhir e rosar geralmente apontam um estado agressivo, no qual o animal se encontra ameaçado e preparado para o ataque (SCHOLTEN, 2017; PRESCOTT, 2004).

Outros aspectos importantes a serem analisados é se o animal apresenta os pelos eriçados, pois pode ser um indicativo de que ele está se sentindo ameaçado e pronto para atacar (Figuras 14 e 15), qual o comportamento do animal em relação a humanos, se o mesmo mantém contato visual e/ou urina e defeca involuntariamente. Quando o animal está com medo, ele geralmente evita manter contato visual, pode urinar e/ou defecar involuntariamente e tende a fugir da ameaça (Figura 16) ou paralisar-se na presença dela. É importante notar se há mudança em seu comportamento quando o tutor não está presente ou se esse comportamento está associado a uma pessoa de um gênero específico e/ou a determinados tipos de acessórios ou objetos que possam ter sido utilizados no momento do abuso. Animais que demonstram comportamentos positivos com o abusador, como balanço de cauda, lambeduras e seguir-lo

para todo lado, não devem ser classificamos imediatamente como animais livre de abuso sexual, pois o comportamento pode não ser coerente com outras evidências de abuso encontradas nos outros exames realizados (MERCK, 2013; PRESCOTT, 2004).



Figura 14: Gato com medo e agressividade apresentando os pelos eriçados e cauda elevada. Fonte: SCHOLTEN, 2017.



Figura 15: Gato em posição ofensiva expressando o eriçar dos pelos. Fonte: SCHOLTEN, 2017.



Figura 16: Cão com medo se afastando e se isolando no canto da sala. Fonte: PRESCOTT, 2004.

### 2.5.2 Exame Físico

Ao examinar o animal, é de extrema importância documentar todos os achados patológicos através da escrita e de fotografias/vídeos. No quarto tópico da ficha, com o auxílio de uma luz UV, deve-se analisar todo o corpo do animal em busca de traços de fluidos, como sêmen, saliva, urina, sangue, lubrificante, fibras ou pelos pubianos (Figura 17). Se possível, deve-se analisar também qualquer superfície em que o animal esteve sentado ou deitado, como panos, camas ou o chão, pois amostras de fluidos podem ser transferidos do animal para o local

onde ele esteve. Amostras de fibras ou pelos devem ser coletadas e guardadas em envelopes e fluidos devem ser coletados com o auxílio de swabs. Caso os fluidos estejam secos, deve-se umedecer um swab estéril com água também estéril e passar na região indicada, depois deve-se passar um swab seco em cima da área recém umedecida, a fim de coletar o material, e ambos os swabs devem ser guardados para posterior testagem (BYRD, 2020; MERCK, 2007).



Figura 17: Resquício de saliva encontrado através da luz UV. Fonte: MERCK, 2007.

Recomenda-se também analisar o corpo do animal em busca de outras lesões, como arranhões, escoriações, hematomas, queimaduras e marcas de ligaduras e mordidas, pois são importantes indicadores de contenção forçada, agressão e/ou luta (Figuras 18, 19 e 20). Radiografias são ótimas aliadas quando há suspeita de que o animal sofreu fraturas e/ou luxações, devendo realizar o exame por todo o corpo do animal a fim de procurar tais lesões (BYRD, 2020; MERCK, 2007).



Figura 18: Hematomas ocasionados por correntes e fio de nylon. Fonte: MERCK, 2007.





Figura 19: Hematoma abdominal em cão ocasionado pela contenção realizada por mãos humanas durante o abuso sexual. Fonte: MERCK, 2013.



Figura 20: Hematoma abdominal em cão devido à contenção durante a inserção de um objeto estranho em seu anus. Fonte: BROOKS, 2018.

Para se defender, as principais armas utilizadas pelos animais são seus dentes e suas unhas. Diante disso, deve-se avaliar toda a cavidade oral, incluindo gengiva, vestibulo bucal, lábios, dentes e língua, em busca de traços de material biológico e/ou lesões como hematomas e escoriações. As unhas igualmente devem ser analisadas, raspadas e cortadas para posterior testagem, pois podem conter traços de DNA humano. Há também a possibilidade do animal ter sido drogado antes ou durante o abuso, sendo assim, a urina e o sangue devem ser coletados para testes toxicológicos em busca de resquícios de drogas, como tranquilizantes e narcóticos (MERCK, 2007).

### 2.5.2.1 Exame dos Órgãos Genitais

Os órgãos reprodutores são uma das regiões mais importantes a serem analisadas durante o exame de um animal com suspeita de abuso sexual. Ainda no quarto tópico da ficha, propõe-se realizar o exame dos órgãos genitais do animal em busca de achados indicativos de abuso, como fluidos corporais humanos, lubrificante, fibras ou pelos pubianos. Além disso, deve-se analisar se há a presença de edema vulvar e vaginal, hematomas, lacerações e/ou escoriações perivulvares ou perianais, dilatação anal, fissuras anais, prolapso vaginal e/ou retal (Figuras 21 e 22) (BYRD, 2020; MERCK, 2007).



Figura 21: Cão com trauma severo e dilatação em anus devido a abuso sexual. Fonte: MERCK, 2013.



Figura 22: Hemorragia subcutânea ao redor do anus devido à fratura e deslocamento de cauda. Fonte: MERCK, 2007.

Para uma melhor avaliação dos canais vaginal e retal, recomenda-se utilizar um otoscópio ou espéculo vaginal enquanto o animal, se vivo, está anestesiado. A vaginoscopia e a colonoscopia também são indicados, pois, se houve penetração por um pênis ou objeto, haverá lesões nas mucosas, como lacerações, perfurações, hemorragias, hematomas, edema, hiperemia e inflamação com secreção sanguinolenta, mucoide, mucopurulenta ou purulenta. Em casos de abuso crônico, pode-se observar nódulos ou tecido fibrótico nas mucosas vaginal, anal e/ou na cérvix. Também pode-se encontrar sinais de inflamação e infecção do trato urogenital do animal, como proctite, vaginite, infecção urinária, vulvite, metrite, piometra, granuloma ou abscessos no coto uterino e abortos (BYRD, 2020; MERCK, 2013).

Mesmo que não haja lesões aparentes, aconselha-se a coleta de amostras com swabs por toda região perineal e genital, como prepúcio, glânde, sacos escrotais, anus, reto, vulva e vagina, para teste de DNA e pesquisa de espermatozóides. Após às primeiras coletas de amostras com swabs, pode-se utilizar uma solução salina estéril para realizar uma lavagem do canal vaginal a fim de procurar traços de DNA e/ou espermatozóides. A água salina deve ser aplicada dentro do canal vaginal através de uma pipeta plástica ou seringa, aspirada, aplicada novamente, aspirada novamente e então colocada em um tubo de vidro estéril. A lavagem também pode ser realizada no canal retal do animal, caso não esteja repleto de fezes (MERCK, 2013).

### **2.5.3 Exames Laboratoriais**

No quinto tópico da ficha, sugere-se anotar todos os exames complementares solicitados ao animal além das amostras que foram coletadas durante o exame físico, a fim de organizar todo o procedimento realizado durante a consulta para que não haja perda de dados importantes. Em casos de abuso sexual com penetração, um sinal clínico importante é a presença de sangue nas fezes e/ou urina, diante disso, recomenda-se a coleta desses materiais para a realização de testes laboratoriais. Em fêmeas, a urina também deve ser coletada, pois, devido à uretra desembocar no vestíbulo vaginal, podem haver amostras de espermatozoides presentes na urina. Em cópulas entre animais de mesma espécie, os espermatozoides são liberados próximos à cervix, então normalmente não se encontrariam espermatozoides na uretra ou bexiga. Já em uma penetração entre humano e animal, dependendo do tamanho da abertura do canal vaginal, haveria dificuldade na penetração do pênis humano e a força da ejaculação pode levar os espermatozoides à uretra (MERCK, 2013).

Nem sempre haverá a presença de esperma ou espermatozoides em animais vítimas de

abuso sexual, pois o abusador pode ter utilizado camisinha, não ter ejaculado, não produzir espermatozoides devido a uma vasectomia ou a uma doença pré-existente ou o sêmen ter sido retirado do animal. Nesses casos, aconselha-se realizar testes de DNA para buscar a presença do cromossomo Y humanos em células epiteliais do animal, como o Teste do Cromossomo Y (STR-Y) que consegue detectar quantidades minúsculas de DNA masculino em amostras (MERCK, 2013).

Existem algumas diferenças entre os espermatozoides canino e humano, como seus formatos e tamanhos, portanto é possível diferencia-los através de exames citológicos utilizando diferentes colorações como a Hematoxilina-Eosina (H&E), “Árvore de Natal” (Christmas Tree Stain) e Kernechtrot–Picroindigocarmine (KPIC) (Figura 23) (STERN, 2020; MERCK, 2013).

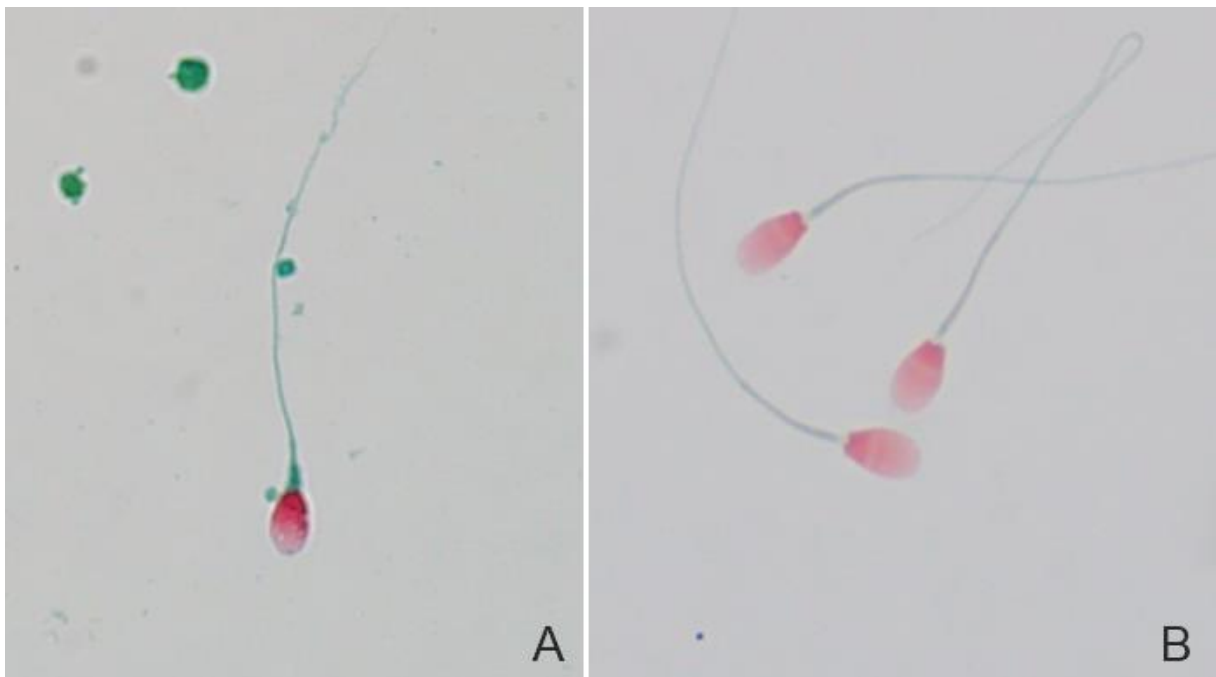


Figura 23: Citologia de espermatozoides humano (A) e de cão (B) utilizando a coloração KPIC. Fonte: STERN, 2020.

Independente de haver ou não espermatozoides, o sêmen possui uma glicoproteína específica denominada P30, a qual tem origem na próstata. Os níveis dessa glicoproteína começam a decair após 48 horas. No mercado, existem testes específicos para detectar sêmen e espermatozoides humanos em amostras de vítimas com suspeita de abuso sexual, como o Sperm Hy-Liter™, que detecta anticorpos monoclonais presentes na cabeça de espermatozoides humanos através da fluorescência, e o Rapid Stain Identification Semen™ (RSID), que detecta a semenogelina, uma proteína produzida pelas vesículas seminais no ser humano, com o uso de anticorpos monoclonais através da imunocromatografia. Ambos os testes são específicos para espermatozoides e sêmen humanos, ou seja, não há a possibilidade de ocorrer reação cruzada



com fluidos seminais de outros animais (MERCK, 2013).

## **2.6 Conclusão**

Os animais podem ser considerados fáceis vítimas para o abuso, principalmente por não possuírem a habilidade da fala. Diante disso, é de extrema importância que médico veterinário possua o conhecimento adequado do comportamento animal e dos sinais clínicos e lesões que podem sugerir um possível crime sexual. Assim, com as informações contidas nesse trabalho e a disponibilidade do fluxograma e da ficha para processamento, o médico veterinário encontra um subsídio para identificar e relatar um animal vítima de abuso sexual.

### 3. REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, J. M. D. A. **Lesões traumáticas por agentes externos mecânicos: artigo de revisão**. 2019
- BRIGHT, M. A.; HUQ, M. S.; SPENCER, T.; APPLEBAUM, J. W.; HARDT, N. Animal cruelty as na indicator of family trauma: Using adverse childhood experiences to look beyond child abuse and domestic violence. **Child abuse & neglect**, v. 76, p. 287-296, 2018.
- BROOKS, J. W. **Veterinary Forensic Pathology**. Vol. 2. Cham, Switzerland: Springer, 2018.
- BYRD, J. H., NORRIS, P., BRADLEY-SIEMENS, N. **Veterinary Forensic Medicine and Forensic Sciences**. CRC Press, 2020.
- CAMPOS, R. N. D. S. **A importância da teoria do elo na medicina veterinária**. 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV - Brasil). **Código de Ética do Médico Veterinário**. Resolução nº 1.138, 2016.
- FALCONERY, L. Registros de maus-tratos dobram na pandemia e Ceará tem média 85 casos por mês. **Diário do Nordeste**, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/registros-de-maus-tratos-dobram-na-pandemia-e-ceara-tem-media-85-casos-por-mes-1.3143141>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- FERREIRA, J.D.S. Aplicação da citologia no diagnóstico de doenças infecciosas nos animais domésticos: revisão de literatura. **Ci. Anim.**, p.18-24, 2015.
- FIGUEIREDO, I.S.D., BRITO, C.C.D.S., GODOY, M.D.F.P.D.C. **Procedimento Operacional Padrão: Perícia Criminal**, p. 149-155, 2013.
- GRAÇA, R. F. Citologia para clínicos: como utilizar esta ferramenta diagnóstica. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n. 2, p. 267-269, 2007.
- GOMES, L. B.; PINTO, M. O. K. M.; BEGALLI, J. H.; DE MEDEIROS, L. B.; AMARAL, A. A.; DE OLIVEIRA LISBOA, O.; DE OLIVEIRA, L. B. S.; LANZETTA, V. A. S.; DE OLIVEIRA, C. S. F.; DE MAGALHÃES SOARES, D. F. Teoria do Elo: Maus-tratos aos animais e a violência interpessoal humana no contexto da Saúde Única. **Revista V&Z Em Minas**, v.141, p.17-23, 2019.
- HAMMERSCHMIDT, J.; MOLENTO, C.F.M. Protocol for expert report on animal welfare in case of companion animal cruelty suspicion. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 51, n. 4, p. 282-296, 2014.
- LEVITT, L.; HOFFER, T. A.; LOPER, A. B. Criminal histories of a subsample of animal cruelty offenders. **Aggression and Violent Behavior**, v.30, p.48-58, 2016.
- MERCK, M. D. **Veterinary Forensics: Animal Cruelty Investigations**. Vol. 1. John Wiley & Sons. 2007.

- MERCK, M. D. **Veterinary Forensics: Animal Cruelty Investigations**. Vol. 2. John Wiley & Sons, 2013.
- MONSALVE, S.; FERREIRA, F.; GARCIA, R. The connection between animal abuse and interpersonal violence: A review from the veterinary perspective. **Research in Veterinary Science**, v.114, p.18-26, 2017.
- PEIXOTO, P.V.; BARROS, C.S. A importância da necropsia em medicina veterinária. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, n. 18, p.132-134, 1998.
- PHILLIPS, A. Understanding the link between violence to animals and people: A guidebook for criminal justice professionals. **National District Attorney Association**. 2014.
- PRESCOTT, M. J.; MORTON, D. B.; ANDERSON, D.; BUCKWELL, T.; HEATH, S.; HUBRECHT, R.; JENNINGS, M.; ROBB, D.; RUANE, B.; SWALLOW, J.; THOMPSON, P. Refining dog husbandry and care: Eighth Report of the BVA (AWF)/FRAME/RSPCA/UFAW Joint Working Group on Refinement. **Laboratory Animals**, v. 38, p. 1-94, 2004.
- RIVERA, D.G. **Agressividade felina contra pessoas**. 2011.
- ROEWER, L. Y-chromosome short tandem repeats in forensics—Sexing, profiling, and matching male DNA. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Forensic Science**, v. 1, n. 4, 2019.
- SAITO, A. Denúncias de maus-tratos contra animais explodem durante pandemia. **Metrópoles**, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/denuncias-de-maus-tratos-contra-animais-explodem-durante-pandemia>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- SCHOLTEN, A.D. **Particularidades comportamentais do gato doméstico**. 2017.
- STERN, A. Sperm cytology: Kernechtrot–picroindigocarmine stain and dog semen. **Journal of Veterinary Forensic Sciences**, v. 1, n. 1, p. 23-25, 2020.
- SOUTHARD, T.; MCDONOUGH, S. P. **Necropsy guide for dogs, cats, and small mammals**. John Wiley & Sons, 2017.

## APÊNDICE A – FICHA DE PROCESSAMENTO EM CASOS DE SUSPEITA DE ABUSO SEXUAL EM CÃES E GATOS

### 1. Identificação Geral

Responsável: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

### 2. Identificação do Animal

Nome: \_\_\_\_\_

Espécie: \_\_\_\_\_ Raça: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Peso: \_\_\_\_\_ Cor/Pelagem: \_\_\_\_\_

Histórico: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 3. Comportamento Animal

Animal apresenta-se:  Apático  Em Alerta  Calmo  Agressivo  
 Ansioso  Feliz  Medo  
 Outro: \_\_\_\_\_

Posição da Cabeça:  Alta  Baixa

Posição das Orelhas:  Alta  Baixa  Para Frente  Para Trás

Posição da Cauda:  Balançando  Estática  Alta  Na altura do dorso  
 Baixa  Entre as patas

Vocalização:

\*gemidos, rosnados,  
latidos/miados,  
uivos, grunhidos,  
ronrono, etc.

Não  Sim. Especifique: \_\_\_\_\_

Pelo Eriçados:  Sim  Não

Comportamento com humanos:  Disposto a se aproximar  Hesitante em se mover/Paralisado  Animal tenta fugir

O animal muda o comportamento  
na presença do responsável:

Sim  Não

O animal realiza contato visual:

Sim  Não

Outras observações:

---



---



---

#### 4. Exame Físico

Presença de fluidos  
externos:

\*sêmen, saliva, urina, sangue,  
lubrificante, etc.

Não  Sim. Qual(is) e em que região: \_\_\_\_\_

---



---



---

Presença de  
fibras/pelos

estranhos:  Não  Sim. Em que região: \_\_\_\_\_

---



---

Achados em superfícies em  
que o animal teve contato:

\*sêmen, saliva, urina, sangue,  
lubrificante, etc.

Não  Sim. Qual(is): \_\_\_\_\_

---



---

Presença de lesões  
externas:

\*arranhões, escoriações,  
hematomas, queimaduras,  
marcas de ligaduras e  
mordidas, etc.

Não  Sim. Qual(is) e em que região: \_\_\_\_\_

---



---



---

**Achados na cavidade****oral:**

\*sêmen, urina, sangue,  
lubrificante, arranhões,  
escoriações, hematomas,  
queimaduras, etc.

Não  Sim. Qual(is): \_\_\_\_\_

---



---

**Achados nos órgãos sexuais:**

\*fluidos corporais humanos, lubrificante,  
fibras ou pelos pubianos, edema, hiperemia,  
hemorragia, hematomas, lacerações e/ou  
escoriações, dilatação, fissuras, prolapso,  
secreções, etc.

Não  Sim. Qual(is): \_\_\_\_\_

---



---



---



---

## 5. Exames Complementares e Amostras Coletadas

**Exames  
complementares  
solicitados:**

- Radiografia    Ultrassonografia    Vaginoscopia  
 Colonoscopia    Hemograma    Bioquímico  
 Urinalise    Sangue oculto nas fezes  
 Teste de DNA e Pesquisa de espermatozoides/sêmen  
 Outro: \_\_\_\_\_

**Amostras**

- coletadas:**    Swab vaginal    Swab retal    Swab corporal  
 Swab bucal    Fibras/Pelos    Unhas    Sangue  
 Urina    Fezes    Outro: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Data

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Ass. Médico Veterinário

## APÊNDICE B – FLUXOGRAMA PARA AVALIAÇÃO DO ANIMAL COM SUSPEITA DE ABUSO SEXUAL

